

## **Apresentação**

Na presente edição comemorativa de *Vigiar e Punir*, ao leitor se oferta a oportunidade de encontrar duas vias de desenvolvimento referentes ao projeto genealógico. Para apreendermos a importância desta perspectiva, cabe recordar como Foucault a articula em seu livro cinquentenário que, em suas próprias palavras, trata de...

[...] uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico-judiciário onde o poder de punir se apoia, recebe suas justificações e suas regras, estende suas regras e mascara sua exorbitante singularidade” (2001, p.23).

Se a genealogia é decerto um afazer histórico, a sua execução tanto depende quanto inicia por duvidar de alguns pressupostos que assentam procedimentos caros a certo tipo de História. Em *Vigiar e Punir*, encontramos uma grande crítica ao “Humanismo” em sua função de situar origens para o moderno direito penal: narrativa que articula o surgimento da prisão à compaixão dos juristas, que mensura o significado das formas atuais atribuindo abrandamento dos costumes e supõe haver uma elevação da sensibilidade ao sofrimento na Europa setecentista. Em poucas linhas: a genealogia traz forte acento nietzschiano em sua crítica ao “Homem”, este ser que, no dizer de Nietzsche (2009), é animal voltado para o futuro, capaz de prometer a preço de adoecer, ou seja, de negar sua própria animalidade. A historicidade apreendida genealógicamente não leva a um palco comandado pelo triunfo da vontade e ação humanas, mas à dívida e ao castigo, sobretudo aquele voltado contra o próprio agente.

Esta inspiração nietzscheana de timbre anti-humanista tal como se insere na perspectiva foucaultiana é aqui apreciada sob diferentes formas. A primeira, representada nos textos de Bayer (2026) sobre a militância específica de Foucault e de Pimentel (2026) acerca da genealogia da observação, detém-se no período que precede a formação do programa de uma genealogia do poder. Percurso amplo, como especialmente o texto de Bayer faz ver; filosoficamente híbrido desde sua formação amalgamando Nietzsche sob diversas formas. Se o pensador alemão parece despontar como espécie de “companheiro privilegiado” na obra de Foucault durante a década de 1970, cabe considerar como já se apresenta dentro de um “ímpeto nietzschicomunista” décadas antes do programa genealógico ser estabelecido (ver

BAYER, 2026, neste volume). Talvez o singular em *Vigiar e Punir* seja o nexos com uma obra nietzscheana em particular, caso de “A genealogia da moral”, de tal modo que uma outra genealogia da observação poderia ser traçada em contato com diferentes escritos do mesmo autor (ver PIMENTEL, 2026, neste volume).

Somado a esses dois textos, a oportuna tradução de trechos dos “*Cadernos de reivindicações oriundos das prisões a partir das recentes revoltas*” – resultado do trabalho conduzido colaborativamente pelo *Grupo de informações sobre as prisões* (GIP) – oferta um ângulo privilegiado para o cenário de lutas políticas que alimentou a escrita de *Vigiar e Punir*. Sob o impacto dessas mensagens, mais do que tema ou objeto de análise, a prisão, ou melhor as revoltas prisionais, implicaram um estilo de escrita e um modo de publicação originais onde a relação entre os intelectuais e o poder é testada e articulada sob diferentes maneiras. O intelectual, se porventura mantém-se esta forma, é desapossado de tudo aquilo que um dia o ilusionou como “consciência das massas”. Aqui, vemos Foucault lançar-se justamente a um estranhamento em relação a toda e qualquer evidência que sustentasse a naturalidade de sua posição e de seu trabalho histórico-filosófico.

Já o segundo conjunto de textos segue percurso contrário, explorando temas não abarcados por Foucault, mas que passaram a figurar enquanto questões políticas contemporâneas. Tal via exploratória ao programa da genealogia não retrocede à sua constituição, mas avança no que poderia ser pensado à sua luz. Tanto no tratamento que Ferreira (2026, neste volume) concede à relação entre humanos e cães no contexto latino-americano, quanto na reflexão empenhada pelo escrito, agora traduzido para espanhol, da filósofa e etóloga Vinciane Despret (2026, neste volume) sobre as estratégias que situam os primatas face à historicidade humana, caminha-se sobre trilhos similares. Em certo sentido, carregam a inspiração nietzschiana presente em *Vigiar e Punir*, que problematiza a impregnação da História pelo Humanismo e a transporta para cenários bastante distintos do prisional. Considerando a entrada do tema da animalidade pela seara da política, podemos traçar algumas palavras que conectem estes textos à seção de *Atualizações da Genealogia*.

Certamente, no trabalho de um pensador não devemos esperar a discussão de todos os temas possíveis; cada qual tem suas questões, temas e ferramentas conceituais vinculadas a seu tempo presente e a escolhas singulares. Sem dúvida a referência por parte de Foucault e seus colaboradores iniciais aos viventes não

humanos é bastante rara nos seus ditos e escritos. Mckintosh (2016) assim se pronuncia de modo sintético sobre o tema:

Em uma de suas poucas referências diretas a animais não humanos, Foucault especula que o Panóptico possa ter sido inspirado pela coleção octogonal de animais de Le Vaux em Versalhes. “O Panóptico”, diz Foucault, “é uma coleção real de animais; o animal é substituído pelo homem”. Essa formulação reveladora sugere que o poder disciplinar deve ser considerado meramente como a aplicação de uma tecnologia humano-animal existente às relações intra-humanas. Os animais, subentende-se, não são incidentais nesse processo, eles vêm em primeiro lugar; eles são o laboratório no qual se desenvolve uma nova forma de poder. Notavelmente, Foucault nunca dá continuidade a essa observação surpreendente; sua história dos corpos e das almas permanece resolutamente antropocêntrica (Mckintosh, 2016, p. 163-164).

Mesmo havendo uma quase absoluta ausência temática do tema dos animais na genealogia de Foucault e colaboradores, podemos situar a discussão desse trabalho dentro do conjunto analítico das relações de poder, na busca de pensar a política dentro de um quadro para além da sua concepção representativa, contratual e calcada na lei. Esta tem sido uma forma extremamente fértil e heurística de repensar a política para além dos seus quadros tradicionais. Pensar o poder como uma ação entre corpos ou entre corpos em ação, tendo um caráter performativo de nossos atributos, e em constante composição com as formas de resistência, tal como é possível dentro de um marco genealógico, coincide plenamente com o que é possível descrever nos modos políticos interespecies.

No entanto, essa experimentação analítica encontrou um limite na sua delimitação como propriedade humana; poderíamos dizer demasiado humana nas palavras de Nietzsche (2000). A proposta dessa renovação da genealogia da qual tanto o artigo de Ferreira quanto o de Despret fazem parte é a de imaginar que essa ampliação da política como ação coletiva entre corpos transcende a própria excepcionalidade humana. Como ressalta Ferreira, a proposta aqui é a de nos atentarmos para as formas políticas apresentadas por outros viventes, ampliando ainda mais o espectro da política humana e abrirmos formas de resistência e de problematização desta, além de virtualizar algumas possibilidades de vida coletiva. Esse artigo se alinha dentro desta possibilidade de uma genealogia ampliada, entendendo ser possível encontrar esta indicação em trabalhos como os apresentados por Despret (2002, 2004, 2006 e 2017), Haraway (2007) e Soriano et ali (2023) dentre outras tantas autorias. Dentro de uma perspectiva genealógica, podemos entender que

esta produção de mundo interespecies entre quiltros e humanos nas cidades chilenas é algo de interessante para se forçar a pensar a política em um sentido mais amplo, trazendo as marcas de uma batalha aberta (Foucault, 1982, 1992) e pensando-a mais num sentido comunal.

Em suma, da querela prisional às ruas chilenas, a pesquisa foucaultiana sobre o complexo saber-poder-corpo – inclusive animais – convoca modos de agir e pensar fora do próprio Humano.

### Referências bibliográficas

- BAYER, Mateus. **Um militante específico**: Foucault, a genealogia e as lutas históricas, Revista Mnemosine, 2026.
- DESPRET, Vinciane. **Quand le loup habitera avec l'agneu**. Paris: Synthelabo, L'empêcheurs de penser en ronde, 2002.
- DESPRET, V. **The Body we care for**: Figures of Anthro-zoo-genesis. In: Body & Society .Vol. 10(2–3), p. 111–134, 2004.
- DESPRET, V. **Anthropo-éthologie des non-humains politiques**. Social Science Information, Vol. 45 (2), 2006, pp. 209-226.
- DESPRET, V. **¿Que dirían los animales si pudiéramos buenas cuestiones?** Buenos Aires: Cactus, 2017.
- HARAWAY, D. **When the species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
- NIETZSCHE, Frederich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NIETZSCHE, Frederich. **Genealogia da moral**, São Paulo: companhia de bolso, 2009.
- FERREIRA, Arthur. **O Socialismo Interespecies (ou o cosmopolitismo doméstico)**: como o convívio urbano com os quiltros caninos renova e torna possível a política chilena?. Revista Mnemosine, 2026.
- FOUCAULT, Michel. **La genealogía del racismo curso en el Collège de France (1975-1976)**. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, a genealogia, a história**. In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1982.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- Grupo de informações sobre prisões. **Cadernos de reivindicações oriundos das prisões a partir das recentes revoltas (trecho)**. Revista Mnemosine, 2026.
- MCKINTOSH, Alex. **Foucault's Menagerie**: cock fighting, bear baiting and the Genealogy of the human—animal power. In CHRULEW, Matthew and WADIWEL, Dinesh (org), Foucault and the animals, 2016, pp.161-192.
- PIMENTEL, César. **Genealogias da observação**: atualizações de “Vigiar e Punir” na obra de Jonathan Crary. Revista Mnemosine, 2026.

SORIANO, R. G., CORREA, G. FERREIRA, A. L. **Vacas, simios y perros: reflexiones desde las relaciones interespecies acerca de la producción de lo humano.** Tekoporá. Latin América Review of Environmental Humanities and Territorial Studies. Volume (1), 2023, pp. 39-65.

Arthur Arruda Leal Ferreira

Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: [arleal1965@gmail.com](mailto:arleal1965@gmail.com)

César Pessoa Pimentel

Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EICOS – UFRJ)

E-mail: [cesar.pimn@gmail.com](mailto:cesar.pimn@gmail.com)

Mateus Thomaz Bayer

Doutor em psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGP-UFRJ).

E-mail: [mateusthomaz@gmail.com](mailto:mateusthomaz@gmail.com)